

1

Um olhar sobre os estudos do texto e do discurso: apresentação

Nathalia Akemi Sato Mitsunari & Gabriel Isola-Lanzoni

Universidade de São Paulo

Introdução

O início da Linguística foi marcado pela dicotomia língua e fala, respectivamente, “sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro” (SAUSSURE, 2012, p. 45) e combinações pelas quais o falante realiza o código da língua, “no propósito de exprimir seu pensamento pessoal” (SAUSSURE, 2012, p. 45). Se essa dualidade serviu para delimitar o objeto científico de linguistas formalistas – a língua dessocializada, em toda a sua imanência de sentido –, também fez emergir teorias funcionalistas, como a Teoria da Comunicação de Roman Jakobson, que se centraram na função comunicativa da língua e em suas categorias e critérios semânticos no nível analítico.

Desde então, houve um distanciamento da concepção de falante – ou autor – e de ouvinte – ou leitor – como meros emissores ativos e receptores passivos, condições mínimas de uma mensagem determinada pelas exigências de inteligibilidade e clareza. Ainda assim, é inegável a importância do estabelecimento de uma única estrutura organizacional, que dá conta da comunicação e da razão humana, nos estudos da significação nos mais diversos campos da atividade humana. Buscou-se, a partir disso, investigar mais a fundo a relação entre o individual e o social, o linguístico e o extralinguístico, seja contrapondo-se à linguística estruturalista, seja alargando seu escopo. Foram desenvolvidas teorias do texto e do discurso nos Estados Unidos, na Inglaterra, na França, em Portugal, na Alemanha, na Rússia, na Itália, na Argentina, no Brasil, em diferentes regiões do mundo, a partir de diferentes tradições de

pensamento, muitas vezes, menos se preocupando em delimitar uma ciência dura e autônoma da língua que se articulando a outras ciências humanas.

Os objetos de análise, as perguntas de pesquisa e os conceitos-chave que guiam as teorias e os métodos ao passo que abandonam a pretensão de transparência e objetividade, que articula pensamento, língua e mundo em uma única relação termo a termo, voltam-se para a relação da língua com a ideologia - evidentemente, compreendida de diferentes maneiras pelas teorias. Para Althusser (1985), por exemplo, trata-se da instância material, produzida por um aparelho ideológico do Estado em suas práticas, que se coloca entre sujeitos - seja como discurso verbal interno, seja como discurso verbal externo, tornando-os assujeitados. Ao passo que cria um traço identitário comum a eles, dá a impressão de que sua vivência lhes foi espontaneamente dada.

Para Volóchinov (2017), diferentemente, a ideologia é o conjunto não ordenado nem fixado de vivências e expressões sociais que abarca todas as ações e estados - convergentes ou divergentes - de esferas da atividade humana. É menos força exterior que age sobre o indivíduo que terreno comum do cognitivo e do social. Do ponto de vista do linguista russo, não há uma fronteira essencial entre o psiquismo e a ideologia, apenas uma diferença de grau: no estágio de desenvolvimento interior, um ideograma não encarnado em um material ideológico exterior é um ideograma vago. Apenas no processo de encarnação ideológica ele é capaz de se tornar claro, de se diferenciar e se fixar. No entanto, no contexto da consciência, essa ideia é realizada a partir da orientação para um sistema ideológico, é gerada por signos absorvidos anteriormente. A compreensão responde ao signo e se faz por meio de signos, e essa cadeia nunca se rompe nem assume uma existência interna imaterial não encarnada no signo ideológico.

Por outro lado, em uma abordagem de base da Análise Crítica do Discurso, Fairclough (2006) compreende ideologia como tudo que está a serviços de representações que contribuam para a manutenção das relações de poder e de dominação. Trata-se de uma modalidade de poder, por meio da produção de consensos. Nessa visão, ideologia estaria relacionada à hegemonia e à sua manutenção. Contudo, concebe-se que é possível desnaturalizar a ideologia ao conscientizar-se sobre ela e ao resistir a ela por meio de novos modos de agir, de representar e de ser.

A despeito das diferentes formas de se compreender a ideologia, a palavra costuma instaurar o mal-estar, na medida em que representa, para muitos, um anacronismo marxista. No Brasil, em tempos de Escola sem Partido¹ e de questionamento da importância das vacinas com base em notícias falsas, que as consideram instrumento de dominação político-ideológica, faz-se necessário voltar à importância de trabalhar com conceitos caros aos estudos da linguagem. Tal disposição decorre de um questionamento que pode marcar este momento: de que modo os estudos sobre a linguagem contribuem para refletir sobre o mundo e para agir sobre ele?

Bensaude-Vicent (2013), ao estudar a história do desenvolvimento científico no ocidente, realiza reflexões que podem contribuir para com essa pergunta ao recuperar os distintos movimentos sociais e/ou científicos ao longo das décadas de 1960 e 1970, que visavam questionar a responsabilidade política dos cientistas. Como resultado de tais movimentos, pode-se identificar a criação de uma divisão de política científica na OCDE (Organização de Cooperação para o Desenvolvimento Econômico), bem como a criação da Sociedade para uma Política das Ciências, que incluía “também os países do Leste Europeu e do Terceiro Mundo e unindo-se às tentativas da UNESCO para reorientar as políticas científicas para o bem público em âmbito planetário” (BENSAUDE-VICENT, 2013, p. 46).

Ao considerarmos a realidade atual do Brasil, nos anos de 2020 a 2022, torna-se válido questionar sobre a forma como as distintas perspectivas de estudos discursivos contribuem para se pensar sobre objetos contemporâneos. As distintas abordagens, enquanto diferentes lentes, têm o potencial de elucidar diversos aspectos de objetos ora já investigados previamente, ora em momento inaugural de reflexão. Assim, ao trabalhar com a historicidade inscrita na língua, lugar de tensão e de posicionamento axiológico, seja ele mais ou menos individual, torna-se possível um questionamento do conhecimento e da moral atemporal, a-espacial e a-valorativa, feitos de unidades de sentido abstratamente universais e logicamente necessários.

¹ “iniciativa conjunta de estudantes e pais preocupados com o grau de contaminação político-ideológica das escolas brasileiras”. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/quem-somos/> Acesso em: 15 ago. 2022.

Sobre os capítulos do livro

As diferentes epistemologias que concorrem no desenvolvimento teórico-metodológico (inter)disciplinar dos estudos do texto e do discurso possibilitam questionar ênfases valorativas com determinados fins - e não outros - em diferentes textos e gêneros, com distintas semioses e em diversas esferas. Essa é uma de suas grandes contribuições sociais. Assim é que Cristiane Pereira Costa Dias, membro da Rede Franco-Brasileira de Análise do Discurso Digital (A2DI), reflete sobre os desdobramentos da ideologia da automatização no trabalho teórico e analítico de leitura do analista do discurso e, de maneira mais ampla, nos modos de leitura que afetam os processos de significação e de existência dos sujeitos na sociedade. O capítulo "Discurso digital: efeitos da automatização da leitura no campo teórico e analítico da Análise de Discurso" debruça-se sobre o Instagram e o Twitter, de modo a demonstrar como o funcionamento dos algoritmos e da automatização em redes sociais afeta, determina e delimita nossas relações de sentidos.

Na mesma esteira, José Railson da Silva Costa ocupa-se de estigmas em torno da tatuagem e do *body piercing* no capítulo "A medicalização e o silêncio no discurso sobre tatuagem e *body piercing* em vídeos do YouTube". A partir de vídeos que circulam no YouTube e de pesquisas de Pêcheux e de Orlandi, Costa analisa como formações discursivas de medicalização estão presentes no discurso sobre tatuagem e *body piercing*. Ao mesmo tempo que corroboram com o cuidado com o corpo e com a prevenção da integridade física do corpo, legitimam identidades, em uma tentativa de ressignificação do sujeito marcado, para que ele e as marcações em si deixem a esfera da patologia, da criminalização e desnaturalização e se encaixem em um novo conceito de beleza e normalidade.

Por outra via, a da Análise Crítica do Discurso, Célia Regina Araes, Sandra Gomes Rasquel e Vinicius Rocha Perrud discutem valores, respectivamente, em notícias veiculadas no dia da demissão de Ricardo Salles; em cartas do leitor que discorrem sobre a reforma da previdência; e em vídeos de comunicadores da nova-direita no YouTube sobre movimentos como o LGBTQIA+ e o feminista. Em "Defesa ou destruição do meio ambiente: uma análise avaliativa do ministério 'da boiada'", Araes analisa a expressão "passar a boiada" em dois textos publicados na Folha de S. Paulo e no Estadão, de modo a evidenciar

como interesses econômicos empresariais mediados pela ação de políticos influentes contribuem, linguístico-discursivamente, para a destruição do meio ambiente, especialmente, na região Norte do país. Em “Sistema da Avaliatividade: contribuições para a avaliação de um tema social em cartas do leitor em jornais paulistas”, Rasquel trata de marcas avaliativas de responsividade à reforma da previdência promovida pelo governo Temer e subsidiada pelo governo Bolsonaro, em dez cartas do leitor de jornais paulistas, confirmando que padrões responsivos podem contestar e simular o apagamento de outras perspectivas na construção do posicionamento. Já em “Che Guevara odiava gays’: (anti)modelos e valores da nova-direita no YouTube”, Perrud debate o papel de modelos e antimodelos na argumentação de comunicadores de alto alcance, como Olavo de Carvalho e Rodrigo Constantino. Como resultado, destaca como seu discurso consolida valores fundamentais para a garantia da coesão do endogrupo neoconservador.

Também na esteira dos estudos críticos do discurso, mas voltando-se a um objeto que tem gerado grande interesse, André de Oliveira Matumoto propõe-se a investigar os discursos e as ideologias que embasam as escolhas visuais na construção do estágio brasileiro no jogo *Street Fight II*. No capítulo “A construção da brasilidade em *Street Fight II*: uma perspectiva sociossemiótica”, Matumoto identifica, a partir da análise das representações visuais, que a “Brasilidade” é construída por meio de estereótipos de distintas culturas latino-americanas, o que culmina tanto em uma reprodução do discurso sobre o país, quanto na produção de representações, dado o fato de o jogo ter se constituído como um modelo legitimador (VAN LEEUWEN, 2008) para jogos futuros.

A partir da Análise Dialógica do Discurso, Beatriz Amorim de Azevedo Silva, Nathalia Akemi Sato Mitsunari, Viviane Mendes Leite e Luciana Taraborelli, Dante Augusto Assis Ribeiro de Freitas e Elvis Lima de Araujo identificam mudanças e permanências de valores no ensino de língua materna em nosso país ao longo do tempo.

Silva, em “Representações discursivas dos papéis de professor e aluno em uma videoaula no YouTube”, observa representações discursivas relativas a participantes prototípicos de um discurso de sala de aula e a transformação dessas construções semiótico-ideológicas quando da passagem desse discurso para um contexto de produção no meio digital, por meio do gênero

videoaula. No capítulo intitulado “O pensamento crítico no manual didático para o Novo Ensino Médio”, Mitsunari, evidenciando as concepções de leitura e de escrita que perpassam o ensino do pensamento crítico em um manual didático de língua portuguesa elaborado para o Novo Ensino Médio, desvela que, ao se apoiar na transparência e na objetividade da escrita, o trabalho de leitura proposto no manual acabou por ocultar os posicionamentos axiológicos que a perpassam, desfavorecendo a apreciação ética em detrimento da estética e asseverando o monopólio da cultura escrita e o direito exclusivo de uma classe socialmente privilegiada de participar ativamente dos campos da atividade humana nos quais atua essa cultura.

O capítulo “O gênero digital *stop motion* sob as lentes da poética sociológica”, de Leite e Taraborelli, tem como objeto de pesquisa *stop motions* produzidos por estudantes do sexto ano da escola municipal de Mogi Guaçu, interior paulista. Depararam-se, nas escolhas de vestimentas, armas e cores em movimento, com o posicionamento discente frente à obra *Malala, a menina que queria ir para escola* (CARRANCA, 2010), que demonstram que há rompimentos com o ensino conservador da leitura. Freitas, explorando figuras e temas no documento paulista *Língua Portuguesa: o currículo e a compreensão da realidade*, de 1991, conclui - no capítulo “Língua Portuguesa: a linguagem em documento oficial da década de 90 no Estado de São Paulo sob a perspectiva dialógica” - que a introdução do texto no ensino público a partir da reestruturação curricular se deu por um viés neoliberal no Brasil, pela atuação da esfera privada na constituição dos materiais curriculares, interessada em formar, de acordo com seus interesses, o então novo público que passou a frequentar a escola. Por fim, Araujo, examinando o documento paulista *Currículo da Cidade: Língua Portuguesa - Educação de Jovens e Adultos*, de 2019, verifica que, ainda que se vise romper com a longa tradição de ensino formalista com intuítos disciplinares nesse documento, não são previstos, nele, gêneros argumentativos específicos, conferindo-se demasiada atenção à análise e adequação textual. Trata-se do texto “A argumentação na Educação de Jovens e Adultos - EJA”.

Sheila Perina de Souza parte também do arcabouço bakhtiniano em seu capítulo intitulado “Relações dialógicas entre discursos proferidos por professores de Moçambique e o Plano Curricular do Ensino Básico”. A autora volta-se sobre o discurso de professores em formação e sobre o Plano

Curricular do Ensino Básico para investigar as relações dialógicas estabelecidas entre o espaço universitário - mais especificamente, o de uma disciplina de "Didática de Línguas Bantu" - e o documento oficial. Valendo-se de um questionário aplicado aos alunos da disciplina como metodologia de coleta de dados, a autora conclui que tanto professores quanto o Plano Curricular circunscrevem a língua bantu como auxiliar ao português, compreendida - enquanto língua advinda da Europa - como a língua de transmissão de conhecimento.

No âmbito dos estudos sobre redes sociais, Ana Carolina Druwe, por um lado, e Renata Mielli e Vinicius Romanini, por outro, investigam, respectivamente, o processo de mobilização virtual e de circulação de informação. Ao tratar do movimento *Fridays For Future*, o capítulo "Um universo de lutas: transmídias, ativismo e juventudes pelo clima", de Druwe, tensiona o potencial do impacto da mobilização virtual na ação direta com ocupação de espaços públicos. A autora parte dos conceitos de convergência das mídias (JENKINS, 2009) e de ativismo transmídia (HANCOX, 2019) para conceber este último como um resultado da dinâmica do primeiro por estabelecer um novo modelo de interação e de participação de indivíduos em ativismos digitais. Já Mielli e Romanini refletem sobre as novas dinâmicas de circulação dos conteúdos em Plataformas de Redes Sociais no capítulo "A virada emotiva da comunicação: uma análise semiótico-cognitiva do papel das plataformas de redes sociais na eleição presidencial de 2018". Os autores defendem que as predominâncias de quantidade e velocidade de compartilhado em detrimento de qualidade e de compreensão dos conteúdos têm como resultado a corrosão da democracia, como se atesta na desvalorização da ciência e na descrença no jornalismo. Partindo dos casos 'Kit Gay' e 'Escola Sem Partido', Mielli e Romanini concluem que a razão argumentativa perde espaço ao passo que a emoção - dada a estrutura algorítmica das plataformas - passa a constituir-se como fator principal para a tomada de decisão.

Marcando um ponto de ligação entre o espaço virtual e gêneros orais, Sandro Silva Rocha tematiza a pandemia da Covid-19 e volta-se ao letramento digital em "Gêneros do telejornalismo escolar: práticas de ensino-aprendizagem com produções multimodais no ensino remoto". Partindo das teorizações sobre multiletramentos e de gêneros textuais, Rocha elenca como aspectos salutares o potencial de usuários compreenderem os conteúdos

produzidos nesses ambientes, bem como manusear as ferramentas envolvidas, e visa à elaboração de uma proposta pedagógica voltada a novas tecnologias ao centrar em produções audiovisuais ligadas ao jornalismo: videoreportagem e entrevistas.

Emily Carolina da Silva localiza seu capítulo - "Analisar características do texto oral em entrevistas em aloconfrontação e autoconfrontação" - em relação a uma investigação do grupo ALTER-AGE, uma vez que se propõe a identificar categorias dos estudos discursivos e da análise da conversação que complementem o modelo de análise interacionista sociodiscursivo no que diz respeito a textos orais. Voltando-se a entrevistas de verbalização em autoconfrontação cruzada com professoras de francês, a autora evidencia como as categorias dos estudos discursivos e da análise da conversação auxiliam na interpretação dos movimentos e dos fenômenos discursivos nessas entrevistas. Silva identifica especificidades no que diz respeito às sequências dialogais das entrevistas, bem como nos níveis de coesão temática e interativa.

Na esteira dos estudos de oralidade, Mayara Suellen de Sousa-Miguel, em "Da fala para a escrita - discurso e oralidade", propõe-se a debater especificidades do oral e do escrito a partir das discussões de estudiosos da Análise do Discurso de linha francesa, da Análise da Conversação, da Sociolinguística e da Pragmática. A partir de discussão de textos, a autora identifica, em concordância com Marcuschi (1993), que textos se localizam em faixa de contínuo, ou seja, apresentam ora aspectos mais típicos da oralidade, ora aspectos mais típicos da escrituralidade, tais como os problematizados pela autora: notícia de um telejornal e entrevista publicada de forma escrita.

O capítulo de Selma Regina Olla, intitulado "Monolingüismo ou Multilingüismo? As imagens de língua de estudantes intercambistas na Universidade de São Paulo", compõe um projeto que se volta à investigação da imagem que determinadas comunidades têm em relação à Língua Portuguesa. No caso específico do capítulo, a autora volta-se a um grupo de alunos estrangeiros de nível universitário, investigando os instrumentos que colaboram na formação das imagens da língua nos contextos multilíngues. Partindo de Arnoux (2014) e de Aguilar (2015; 2018), identifica que alunos de diferentes nacionalidades apresentam distintas imagens de línguas, mas que convergem em termos da imagem da Língua Portuguesa e a imagem de suas línguas nativas.

Considerando os fenômenos de linguagem presentes em textos literários, Katia Melo e Sandra Mina Takakura voltam-se, respectivamente, aos estudos lexicais e aos estudos da semiótica da cultura. Melo, em "*A biqueira literária de Rodrigo Ciríaco: um estudo etimológico do neologismo semântico biqueira*", busca desenvolver um estudo inicial sobre a unidade lexical *biqueira* na contemporaneidade, considerando sua etimologia e sua utilização em diferentes contextos discursivos. A autora define a literatura como o contexto central para concluir que, em termos étimos, a unidade mantém o significado base de *bico*, mas em termos da etimologia popular, o significado de *biqueira* tem sido ampliado de modo a atender necessidades socioculturais da língua. Takakura, por sua vez, propõe-se a investigar a expressividade cultural no relato de experiências vividas por meio do discurso direto e indireto, em "*A expressividade intercultural: um estudo sob a perspectiva da semiótica da cultura de A filha da costureira japonesa, de Kawakami*". A autora se vale da Semiótica Cultural para analisar os itens lexicais expressivos em língua japonesa, os provérbios em língua portuguesa, assim como estabelecer mapeamentos dos embates interculturais presentes na obra. Takakura identifica que o relato autobiográfico de Kawakami é marcado pela negociação de espaços, pela inserção de vocabulário em língua japonesa no falar português, na adoção da culinária brasileira e da culinária japonesa, bem como na tradução do discurso de seus ancestrais. O capítulo enfoca os processos de estabelecimento de identidades em contextos plurais.

O capítulo que fecha o livro é intitulado "*Influências de Immanuel Kant na obra de Wilhelm von Humboldt: o apriorismo do elemento transcendental*". Nele, Taciane Domingues tematiza a questão da geração da língua materna para Humboldt, que considera o elemento transcendental e a singularidade de seu apriorismo como elementos característicos do espírito. A autora volta-se ao tópico "*Ação de faculdades excepcionais do espírito: civilização, cultural e Bildung*" e verifica a adoção do método transcendental pelo autor ao correlacionar a aparência do fenômeno e seu conceito intelectual.

Todos esses vinte e um estudos resultam de pesquisas desenvolvidas por docentes e discentes em Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado em universidades públicas dos estados de São Paulo, Rio Grande do Norte, Bahia e Pará. Todos foram avaliados por especialistas filiados a instituições de nível superior públicas e privadas da França (Poitiers) e das cinco regiões brasileiras

- de Alagoas, Sergipe, Bahia, Maranhão, Pará, Goiás, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. Testemunham, desse modo, os esforços empreendidos nos estudos do texto e do discurso em todo o país, nas últimas quatro décadas, com grande capacidade de (re)elaboração de posições bem definidas por estudos linguísticos anteriores.

A cuidadosa pesquisa documental de Palma e Franco (2018) demonstra que, desde a década de 1980, são publicadas diversas obras representativas do rompimento com a concepção de língua como lugar de representação de uma dada realidade; com a linguagem enquanto instrumento informativo; e com a frase como unidade de sentido. Em 1981, o periódico *Letras de hoje*, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, publica o artigo “Por uma Gramática textual”, de Antônio Neis. Em 1983, são lançadas as obras *Linguística textual: introdução* de Leonor Lopes Fávero e Ingedore Villaça Koch, e *Linguística de texto: o que é e como se faz*, de Luiz Antônio Marcuschi. Em 1986, há o volume temático da série Cadernos PUC 22, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, intitulado “Linguística Textual: texto e leitura”, organizado por Leonor Lopes Fávero e Mara Sofia Zanotto de Paschoal. Em 1989, Ingedore Villaça Koch lança *A coesão textual*, pela editora Cortez.

Hoje, nos anos 2020, alguns dos desafios colocados são: compreender as particularidades das novas semioses e novos gêneros, não se limitando a uma perspectiva dualista, que concebe o mundo em uma visão binária que distingue o material e o imaterial, o real e o virtual, sendo esse último, o *on-line*, um universo de simulações; investigar como antigos valores são (re)apresentados por novos discursos, perpetuando preconceitos e desigualdades sociais, admitidos, muitas vezes, como naturais e inexoráveis. As teorias do texto e do discurso devem, a partir de suas diferentes metodologias, desvelar seus fundamentos sócio-históricos e seus princípios de hierarquização, do ponto de vista dos temas pertinentes aos grupos em determinados espaços-tempos, que acompanham ênfases valorativas e do ponto de vista das formas e dos tipos de comunicação discursiva em que esses temas se realizam, condicionadas pela organização social dos indivíduos e pelas condições mais próximas da sua interação.

Referências

ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). Tradução de Maria Laura V. de Castro. Introdução crítica de José Augusto Albuquerque. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BENSAUDE-VICENT, B. **As vertigens da tecnociência**. Tradução José Luiz Cazarotto. São Paulo: Idéias & Letras, 2013.

FAIRCLOUGH, N. Semiosis, ideology and mediation: a dialectical review. In: LASSEN, I; STRUNCK, J; VESTERGAAD, T. **Mediating Ideology in Text and Image**. John Benjamins Publishing Company, 2006.

PALMA, D. V.; FRANCO, M. I. S. de M. A década de 1980: suas características principais. In: BASTOS, N. M.; PALMA, D. V. (Orgs.). **Língua Portuguesa na década de 1980**: linguística, gramática, redação e educação. São Paulo: Terracota, 2018, p. 9-28.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Organização Charles Bally e Albert Sechehaye. Prefácio à edição brasileira Isaac Nicolau Salum. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2017.